



POLÍTICA OPERÁRIA

Chega de saque de recursos públicos pelos capitalistas e governo! Fim do pagamento da dívida pública aos banqueiros parasitas!

O Ministro da Fazenda Fernando Haddad, anunciou no dia 22 de maio o bloqueio de R\$ 31,3 bilhões do orçamento de 2025. Deixando claro seu objetivo de continuar atacando os trabalhadores, Haddad afirmou que o bloqueio é necessário porque houve um crescimento das despesas com a previdência e o benefício de prestação continuada (BPC), que destina um salário mínimo a idosos e pessoas com deficiência em famílias de baixa renda. O governo burguês de Lula e os partidos da oposição burguesa, liderado pelo PL de Bolsonaro, aprovaram recentemente uma lei que limita o reajuste do salário mínimo a 2,5%. Após a aprovação do ataque, Haddad declarou que foi correto reduzir o aumento do salário mínimo, para que não aumente a aposenta-

doria e o BPC.

O caráter burguês e patronal do governo Lula fica cada dia mais claro. Lula não só manteve as contrarreformas trabalhista e previdenciária, aprovadas por Temer e Bolsonaro, como está fazendo também suas próprias contrarreformas que atacam os trabalhadores e a população pobre. Tanto o governo de frente ampla de Lula, como a oposição burguesa liderada por Bolsonaro são defensores do pagamento da dívida pública, que em 2024 foi pago mais de R\$ 800 bilhões de juros aos banqueiros. Isso por que são defensores da propriedade privada e do sistema de exploração capitalista que condena a classe operária e demais explorados ao desemprego e a miséria.

O Boletim Nossa Classe chama a maioria explorada a não ter nenhuma ilusão no governo burguês de Lula, nem na oposição burguesa. A tarefa colocada é a de construir nosso próprio partido, operário revolucionário, que tem como objetivo a expropriação da burguesia do poder e a constituição de nosso próprio governo, operário e camponês. O Boletim Nossa Classe levanta a bandeira de Oposição Revolucionária ao governo Lula. Defende por meio da ação direta e coletiva o programa próprio de reivindicações. Para isso, exige que as centrais e sindicatos rompam com o governo e convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios de rua, em defesa dos empregos, salários e direitos e fim do pagamento da gigantesca dívida pública.

Que os sindicatos rompam com o pacifismo e convoquem a classe operária a ganhar as ruas. Reerguer o movimento internacional pelo fim do genocídio do Povo Palestino!

A Tribuna Metalúrgica do ABC estampou o massacre do povo palestino e pede o fim da guerra. Reproduz o discurso do presidente do Sindicato condenando a barbárie na Faixa de Gaza e defendendo o reconhecimento do Estado Palestino. Não responsabiliza o governo Lula de manter as relações econômicas com o Estado sionista de Israel. Até o momento, não houve nenhum esforço por parte do sindicato em convocar a classe operária e os trabalhadores em geral para ganhar as ruas contra a carnificina. Os atos em São Paulo continuam sendo pequenos, apesar da insistência do chamamento aos sindicatos e movimentos populares.

É preciso, portanto, romper com a passividade das direções sindicais. É dever das Centrais e sindicatos, que se colocam contra o genocídio palestino, convocarem as assembleias para impulsionar as

mobilizações nacionais contra a carnificina promovida pelo Estado de Israel e financiada pelos Estados Unidos. O peso da classe operária organizada nas ruas é fundamental, o que implica transformar os discursos inflamados em ação prática.

O genocídio na Faixa de Gaza, a destruição e mortes que vem ocorrendo nesses três anos de guerra na Ucrânia e o que se verifica nas dezenas de conflitos na África são reflexos da barbárie social própria do regime capitalista que se decompõe. Diante dessa profunda crise, a resposta está na organização da classe operária e dos demais explorados, com seu programa próprio de reivindicações, para pôr fim a raiz da barbárie, que está no capitalismo. O que implica a defesa da estratégia da revolução social e do socialismo.

O Boletim Nossa Classe trabalha para que as direções sindi-

cais e populares convoquem as assembleias para organizar os operários na luta contra o genocídio do povo palestino. Para aprovar o programa de reivindicações próprio dos trabalhadores, para ganhar as ruas. Sem ação direta e massiva não tem como enfrentar a barbárie social.

Participe do

ENCONTRO

OPERÁRIO

21/6 • 17h
Presencial

Entre em contato: (11) 95446-2020
@massas_por

Nosso objetivo é construir comissões de fábrica e oposições sindicais democráticas, classistas e revolucionárias, para resgatar os sindicatos para a luta em defesa dos empregos, salários e direitos!



GM de São José dos Campos, com apoio da direção sindical, aprova acordo de PDV e acaba com a estabilidade para trabalhadores lesionados

Direção do sindicato não mobiliza e manobra com um plebiscito

No dia 2 de junho, a GM apresentou para os operários uma proposta que incluía a abertura de PDV e o fim da estabilidade para trabalhadores lesionados. A votação da proposta ocorreu no dia 4 de junho. A direção do sindicato metalúrgico de São José dos Campos, ligado a Conlutas-PSTU, em vez de realizar uma assembleia democrática e chamar os operários a rejeitarem a proposta da GM que acaba com a estabilidade para lesionados, os pelegos sem vergonha utilizaram um método estranho à democracia operária, instalando urnas na porta da fábrica, para que os operários decidissem sobre a proposta.

Ou seja, de forma plebiscitária (Sim ou

Não), impôs aos operários essa forma contrária à ação coletiva que se realiza por meio da assembleia, passando por cima da democracia sindical, que implica assembleias e decisões coletivas. Isso porque a soma dos votos coletados nas urnas não representa a votação coletiva que ocorre nas assembleias, após ampla discussão sobre a proposta da montadora.

A votação individualizada favorece a pressão da multinacional sobre cada um dos operários que está com a corda no pescoço. O método da democracia operária é o da realização de assembleias, com direito de expressão dos operários envolvidos, portanto, de discussão e votação cole-

tiva das propostas. No caso de uma proposta como essa de demissão, certamente, haveria posições contrárias e favoráveis.

Mesmo com a votação sendo feita por meio das urnas, 30% dos operários ainda votaram contra. Ao todo, foram registrados 2.371 votos. Diante dos resultados, o que restou à direção foi declarar que, apesar de ser contra a proposta, irá respeitar a decisão da maioria. Essa direção da Conlutas já deixou claro que não é contra o PDV, que é um instrumento da patronal. Esse é mais um exemplo de como age a burocracia do sindicato, traindo os interesses da classe operária e favorecendo os interesses dos capitalistas. Ou seja, diz

que é contra a proposta de demissão, mas não convoca a assembleia, não organiza o combate e, depois, procuram se livrar da responsabilidade culpando os 70% que votaram a favor da proposta da GM.

Frente a mais essa traição da direção sindical, a tarefa colocada aos operários da GM e demais metalúrgicos do Vale do Paraíba, é a de construir as comissões de fábrica de luta, classista e revolucionárias, para expulsar a direção sindical vendida e organizar a luta pela estabilidade no emprego a todos os trabalhadores. Combater as demissões implantando a redução da jornada de trabalho, sem redução de salário (escala móvel das horas de trabalho).

O que é a mais-valia?

A mais-valia é o tempo de trabalho não pago aos operários pelo patrão. Por exemplo: em 2 ou menos horas de trabalho um operário produz um valor suficiente para o patrão pagar todo o seu dia de trabalho. Portanto, se ele trabalha 8 horas, tudo que ele produzir nas 6 horas restantes será mais-valia, será lucro para o patrão. São os operários que produzem toda a riqueza do patrão e da sociedade. Lutemos para colocar fim à exploração capitalista!

Formação política do Nossa Classe

A luta de classes é o motor das transformações históricas

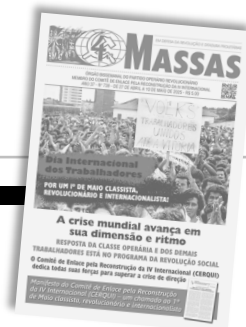
No capitalismo, a luta de classes entre a burguesia (patrões) e o proletariado (assalariados) leva ao fim desse regime de exploração e à defesa de uma sociedade sem explorados e exploradores. A burguesia, com seus meios e métodos, ora pacíficos e ora violentos, age cotidianamente para impedir que o proletariado e demais oprimidos defendam suas reivindicações por meio da ação direta. A política de conciliação da burocracia sindical é um dos meios que a patronal e seus governos usam para impedir o levante dos operários. Vemos isso

acontecer na luta contra o fechamento da Avibras em Jacareí e da Movente em Diadema.

Em ambos os casos a burocracia sindical em lugar de impulsionar a luta de classes, convocando a assembleia geral dos metalúrgicos da região e defender a ocupação da fábrica e a implantação do controle operário da produção, essas direções fazem o oposto. Esses pelegos negociam e aceitam os acordos de demissão e de recuperação judicial que beneficiam apenas os patrões. No entanto, não há como os exploradores e os dirigentes traidores

evitarem a luta de classes. Eles podem momentaneamente amortecê-la e desviá-la, mas não podem evitar a potenciação da luta de classes e sua projeção revolucionária a tomada do poder.

Para cumprir essa tarefa a classe operária terá de construir seu próprio partido, operário e revolucionário, que tem como estratégia a revolução proletária e a constituição do governo operário e camponês, expressão da ditadura do proletariado.



Leiam e divulguem o Jornal Massas. É um jornal voltado à luta pela emancipação da classe operária e demais oprimidos da exploração capitalista. É um jornal do Partido Operário Revolucionário (POR) que luta pelo fim do capitalismo e pela construção da sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista. **O Nossa Classe chama os trabalhadores a darem todo apoio ao Jornal Massas!**